



Contemporânea

Contemporary Journal

2(1): 569-603, 2022

ISSN: 2447-0961

Artigo

BREVES REFLEXÕES SOBRE A ONTOLOGIA FUNDAMENTAL DE HEIDEGGER E SUAS IMPLICAÇÕES ÉTICAS

BRIEF REFLECTIONS ON HEIDEGGER'S
FUNDAMENTAL ONTOLOGY AND ITS ETHICAL
IMPLICATIONS

Recebimento do original: 27/01/2022
Aceitação para publicação: 07/02/2022

Bruno Tadeu Buonicore

Professor Titular do CEUB. Assessor de Ministro do STF. Doutor em Direito Penal pela Universidade de Frankfurt/ Alemanha.

RESUMO: Trata-se do esforço de percorrer os principais existenciais trabalhados por Heidegger na obra *Ser e Tempo*, buscando analisar sobretudo a relação entre eles no sistema filosófico de Heidegger. Do impulso pelo questionamento ontológico fundamental (*Sein*) à análise da chamada culpa original (*Schuld*), passando pelos modos de ser essenciais do homem (*Ser-aí*) como ser-no-mundo (*in-der-Welt-sein*) e ser-com-os-outros (*Mitsein*), a indagação central que constitui o objeto deste artigo é pela possibilidade de um desdobramento ético-normativo (dever ser) da ontologia fundamental de Heidegger.



PALAVRAS-CHAVE: Heidegger. Ontologia Fundamental. Ser-aí. Ética.

ABSTRACT: It is an effort to go through the main existentials worked by Heidegger in the book *Being and Time*, seeking to analyze above all the relationship between them in Heidegger's philosophical system. From the impulse for fundamental ontological questioning (*Sein*) to the analysis of the so-called original guilt (*Schuld*), passing through the essential modes of the man being (*Being-there*) as being-in-the-world (*in-der-Welt-sein*) and being-with-the-others (*Mitsein*), the central question that constitutes the object of this article is the possibility of an ethical-normative unfolding (ought to be) of Heidegger's fundamental ontology.

KEYWORDS: Heidegger. Fundamental Ontology. Being-There. Ethics.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1 - Da necessidade de retomar a questão sobre o sentido do ser como indagação introdutória

A determinação do pensamento de Heidegger revela-se como uma pergunta dirigida à história da filosofia.¹ A pergunta indaga sobre

¹ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude:** estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijui, 2001. p. 201 e p. 331. Neste mesmo sentido, leciona Stein que ao propor pensar o *ser* como história, Heidegger retorna até a essência da metafísica, onde a questão se esconde em seu começo. Neste passo de volta, a questão acerca do sentido do *ser* se manifesta, historicamente, como esquecimento, como retração que confunde o cerne da questão velada temporalmente. Não por outro motivo, Heidegger pensa o *ser* como a história de seu esquecimento, que deve ser desvelada, justamente, pela dimensão temporal. Nas palavras do autor: “Heidegger pode percorrer assim todos os passos da história do *ser* como metafísica e verificar o gradual esquecimento do *ser*. Isto é pensar o *ser* depois da viravolta. O *ser* se vela no tempo (história) que é a clareira de seu desvelamento.” (STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger.** Porto Alegre: ediPUCRS, 2002. p. 45 e p. 91.) Nas palavras de Heidegger, sobre isto: “Embora nosso tempo



o sentido do *ser*.² O que é o *ser* é a pergunta fundamental da ontologia de Heidegger.³ No solo da metafísica tradicional, construiu-se um dogma de que por ser o mais universal e vazio que existe, o conceito do *ser* prescindiria de questionamento.⁴ Por ser indefinível o conceito do *ser*, a ontologia antiga tomou como supérfluo e equivocado o levantamento de sua questão, considerando-a evidente por si mesma.⁵

Ocorre que a constatação de que é indefinível o conceito do *ser*, devido a sua universalidade,⁶ não afasta a sua interrogação, pelo contrário, a exige, dada a sua obscuridade.⁷ A indeterminação do

reivindique o progresso de afirmar novamente a *metafísica*, a questão aqui evocada caiu no esquecimento.” (tradução nossa) (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 02.) Em relação à tradução livre de *Ser e Tempo* realizada no decorrer do artigo, é preciso dizer que o acertamento do significado dos termos centrais desta obra de Heidegger foi realizado com o auxílio do Prof. Dr. Ernildo Stein, no decorrer de dois semestres letivos, em seus seminários e disciplinas junto à Faculdade de Filosofia da PUC-RS. Além disso, foram utilizadas, para fins comparativos, as traduções de Fausto Castilho e de Marcia Sá. Cavalcante.

² HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 02-04; STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 331; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2002. 44-46; RESWEBER, Jean-Paul. **La pensée de Martin Heidegger**. Toulouse: Privat, 1973. p. 33-40.

³ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 44-46 e p. 331; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 02-04.

⁴ Nas palavras de Heidegger: “No solo da empreitada grega para interpretar o *ser*, construiu-se um dogma que não apenas declara desprezível a questão sobre o sentido do *ser*, mas lhe sanciona a falta. Diz-se ali que o *ser* é o conceito mais universal e mais vazio, e como tal resiste a qualquer tentativa de definição. Este conceito, por universal e por indefinível prescinde de definição. Todos ao empregar o conceito, constantemente, compreendem o que ele quer cada vez significar.” (tradução nossa) (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 02). Além disso, ver: PÖGGELER, Otto. **A via do pensamento de Martin Heidegger**. Trad. Jorge Telles. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. p. 133-136.

⁵ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 02; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2002. p. 48-50 e p. 92-93.

⁶ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 04.

⁷ Neste sentido, leciona Heidegger: “Quando se diz, portanto, que o *ser* é o conceito mais universal, isto não pode dizer que o conceito do *ser* seja o mais claro e que não necessite de quaisquer questionamentos posteriores. Ao contrário, o conceito do *ser* é o mais obscuro.” (tradução nossa) (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen : Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 03.)



conceito do *ser* revela, apenas, que o *ser* não é um ente,⁸ de modo que o acesso ao ente, próprio da ontologia antiga, não pode ser aplicado ao *ser*.⁹ Disto resulta a necessidade de se ultrapassar a ontologia da coisa¹⁰ e retomar a indagação central para se chegar à compreensão do sentido do *ser*.¹¹

A necessidade da expressa retomada da questão do *ser*,¹² portanto, resulta da ignorância da tradição metafísica para com essa dimensão.¹³ Tal ignorância está ligada, precisamente, ao fato do conteúdo da indagação ser tomado como óbvio e evidente.¹⁴ A metafísica, em toda sua história, sempre pensou o ente, mas nunca pensou o *ser* dos entes.¹⁵ O *ser* dos entes é o que possibilita o ente e essa possibilidade está ligada ao tempo,¹⁶ à insuperável finitude temporal do ser humano.¹⁷

⁸ Nas palavras de Heidegger: “O *ser* não é como o ente.” (tradução nossa) (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 04.)

⁹ Neste sentido, Heidegger: “O *ser* dos entes não é em si outro ente.” (tradução nossa) (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 06.)

¹⁰ Sobre a diferença radical entre a ontologia da coisa e a ontologia fundamental, Stein leciona: “As categorias são utilizadas na ontologia da coisa, enquanto os existenciais são os conceitos utilizados para a apresentação da analítica existencial cujo objeto é o Dasein [...] Heidegger introduz uma clivagem, na lógica, para distinguir, desde o começo, as duas ontologias: a ontologia da coisa e a ontologia fundamental [...] a sistematização progressiva da segunda lógica, aquela que é dominada pela diferença entre *ser* e ente, trata de um ente que é o Dasein.” (STEIN, Ernildo. **Pensar é pensar a diferença**: filosofia e conhecimento empírico. Ijuí: Unijui, 2006. p. 49.)

¹¹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 04; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2002. p. 44; RESWEBER, Jean-Paul. **La pensée de Martin Heidegger**. Toulouse: Privat, 1973. p. 68-72; STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 09-11.

¹² HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 02-04.

¹³ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 63.

¹⁴ WULFF, Agnes. **Die existenziale Schuld**. Berlin: Lit Verlag, 2008. p. 109-111.

¹⁵ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 60-61.

¹⁶ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 20.

¹⁷ LOPARIC, Zeljko. **Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 47.



O que fora esquecido pela tradição metafísica, pela ontologia da coisa, foi a dimensão temporal inerente ao *ser*.¹⁸ O *ser* sempre está oculto, velado,¹⁹ justamente pela dimensão de sua temporalidade.²⁰ Sendo assim, a bipolaridade velamento-desvelamento, que acompanha toda a investigação de Heidegger, busca o sentido do *ser* na faticidade temporal do homem.²¹ A indagação que se dirige à história da filosofia refere-se à problemática da temporalidade, da historicidade.²²

O necessário retorno às raízes do pensamento do *ser* passa, portanto, pela destruição da ontologia clássica – ontologia da coisa – ,²³ não em um sentido negativo,²⁴ mas no sentido de interpretar o solo da ontologia antiga, onde as categorias e os conceitos tradicionais foram forjados, à luz da dimensão temporal.²⁵ Ao realizar essa tarefa, Heidegger propõe um novo começo para a questão do *ser*,²⁶ uma verdadeira ruptura paradigmática com a tradição metafísica.²⁷

¹⁸ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude**: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijui, 2001. p. 201 e p. 333.

¹⁹ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude**: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijui, 2001. p. 204.

²⁰ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 59.

²¹ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude**: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijui, 2001. p. 215-217 e p. 301.

²² HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 25-26.

²³ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 22.

²⁴ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 22-23

²⁵ Nas palavras de Heidegger: “[...] a destruição se vê colocada diante da tarefa de interpretar o solo da antiga ontologia à luz da problemática da temporalidade.” (tradução nossa) (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 25-26)

²⁶ STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 28.

²⁷ STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 27-31; STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude**: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijui, 2001. p. 201 e p. 331; STEIN, Ernildo. **Seminário sobre a verdade**. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 258.



É entre o despertar do neokantismo e a afirmação do neoaristotelismo que Heidegger desenvolve os seus trabalhos.²⁸ A crítica ao cristianismo,²⁹ bem como ao idealismo hegeliano,³⁰ radicada em Kierkegaard,³¹ assim como a desconstrução do platonismo em Nietzsche,³² habitavam o pensamento que envolvia as construções filosóficas de Heidegger.³³ Nesse panorama, construía-se contra a tradição metafísica um discurso de resgate do homem,³⁴ uma retomada de sua perspectiva concreta.³⁵ A partir disso, historicidade e finitude seriam os postulados a serem levantados³⁶ em nome de uma filosofia que se voltava ao homem historicamente compreendido.³⁷

O questionamento acerca da unidade do *ser* em sua multiplicidade, estampado por Aristóteles e reproduzido na obra de Brentano,³⁸ bem como o levantamento do problema da historicidade

²⁸ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 19.

²⁹ Sobre isto ver: KIERKEGAARD, Sören Aabye. **Einübung im christentum**. Gütersloh: Mohn, 1986. p. 139.

³⁰ Sobre o idealismo hegeliano, ver: RAMOS, Diogo. Ensaio sobre o idealismo hegeliano. **PERI - Publicação eletrônica dos alunos da Pós-Graduação em Filosofia da UFSC**. Florianópolis: v. 2, 2010. p. 66.

³¹ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 19.

³² Sobre isso, ver: HUNGLHAUS, Thiago. **O antiplatonismo de Nietzsche**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Paraná – Departamento de Filosofia. Curitiba: 2010.

³³ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 19.

³⁴ STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 27-31.

³⁵ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 20.

³⁶ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 331-334.

³⁷ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 20.

³⁸ BRENTANO, Franz. **Aristote. Les significations de l'être**. De La diversité des acceptions de l'être selon aristote. Trad. Pascal David. Paris: LPJ, 1992. p. 17-20.



em Dilthey,³⁹ guiaram a investigação de Heidegger.⁴⁰ Era preciso repetir a problemática da ontologia grega,⁴¹ retomar a indagação sobre a unidade do *ser* em sua multiplicidade, sobre o sentido do *ser*.⁴² Entretanto, essa investigação deveria se dar pela perspectiva da historicidade, que considera a finitude temporal do homem concreto. O *ser* sempre foi percebido como ligado ao tempo.⁴³ No entanto, a tradição não buscou elucidar esse vínculo, pelo contrário, compreendeu o tempo em seu sentido vulgar,⁴⁴ esquecendo o tempo originário ligado ao *ser*.⁴⁵

O caminho utilizado para esta empreitada amadureceu, na obra de Heidegger, com a fenomenologia hermenêutica.⁴⁶ Por meio da

³⁹ DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. Trad. Marco Casanova. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 121.

⁴⁰ Sobre isto, ver: VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 15-16.

⁴¹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 25.

⁴² STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 23 e p. 30.

⁴³ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 334.

⁴⁴ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 334. Sobre isto Stein leciona: “A metafísica tradicional não rasgava horizontes para a compreensão da vida fática, para a realidade humana; era uma ontologia da coisa em cujo seio a concretude humana ficava no exílio.” (STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 33.) Além disso, segundo Stein: “Aristóteles não teria conseguido ver a temporalidade originária como o fundamento ontológico unitário das determinações da vida humana, que, entretanto, ele interpreta e descreve, porque ele permaneceria no horizonte de uma compreensão naturalista, cronológica e não-kairológica do tempo.” (STEIN, Ernildo. **Seminário sobre a verdade**. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 258)

⁴⁵ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Editora Unijui, 2001. p. 335.

⁴⁶ Com a fenomenologia hermenêutica Heidegger rompe com a fenomenologia de Husserl, onde a historicidade do pensamento permanecia no exílio. Ao aplicar o olhar fenomenológico, no sentido de acesso às coisas mesmas, na indagação sobre o sentido do *ser*, revelada na compreensão do homem concreto em sua finitude e historicidade, o filósofo desenvolve os caminhos da analítica existencial, da fenomenologia hermenêutica. A redução ao eu transcendental, ligada à tradição ocidental, presente na construção de Husserl, é substituída pela análise de um ente histórico, o homem, que em seu ser já-sempre compreende o *ser*. STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 26-32 e p. 45. VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget,



fenomenologia hermenêutica, ou analítica existencial,⁴⁷ o filósofo orienta-se no sentido de recuperar a dimensão concreta do homem na pergunta pelo *ser*, buscando o sentido deste na compreensão daquela.⁴⁸ Dessa maneira, desvela-se o *ser* pelo tempo.⁴⁹ A fenomenologia hermenêutica revela-se, com isso, como a análise do ser-aí (*Dasein*), o ente que – em seu ser – *já-sempre* compreende o *ser*.⁵⁰

Com a fenomenologia hermenêutica, Heidegger rompe definitivamente com a tradição.⁵¹ A compreensão do ser-aí como ser histórico⁵² propõe a superação da relação epistemológica sujeito-objeto da ontologia da coisa.⁵³ A relação consciência-mundo, forte na

1996. p. 13-14. É preciso dizer que a fenomenologia hermenêutica é o caminho eleito por Heidegger para levar a cabo a busca pelo sentido do *ser*. HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 35.

⁴⁷ A analítica existencial é fenomenologia hermenêutica, no sentido de compreender o sentido do *ser* na descrição do homem concreto em sua estrutura histórica global. Nas palavras de Stein: “Fenomenologia hermenêutica é analítica existencial.” (STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 45 e p. 60.)

⁴⁸ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 33. Heidegger explicita as razões deste caminho: “Como o *ser* constitui o questionado e o *ser* significa sempre ser de um ente, o que resulta como indagado na questão do *ser* é o próprio ente.” (tradução nossa) (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 06.)

⁴⁹ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 331-333; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 59.

⁵⁰ Segundo Heidegger: “A questão do *ser* exige que se conquiste e assegure, primeiramente, um modo de acesso correto ao ente.” (tradução nossa) Este ente é o ser-aí, o ente que nós mesmos sempre somos, o ente que possui em seu ser a possibilidade de questionar e compreender o *ser*. (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 06-07.)

⁵¹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 26-27; SCHNEIDER, Paulo Rudi. **O outro pensar: sobre que significa pensar e a época da imagem do mundo de Heidegger**. Ijuí: Unijui, 2005. p. 22.

⁵² STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 54.

⁵³ STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 27-29; STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Editora Unijui, 2001. p. 187; GUIGNON, Charles B. Introdução. In: GUIGNON, Charles B. (Org.). **Poliedro Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 25.



tradição,⁵⁴ significada na redução transcendental de um ser não histórico, é substituída pela temporalidade absoluta⁵⁵ de um homem concreto que, sendo, *já-sempre* compreende o significado do *ser*.⁵⁶ A historicidade do homem que interroga historicamente a história do *ser*, a saber, um paradoxo gnosiológico,⁵⁷ torna-se uma constituição do *ser*.⁵⁸ A pertença do sujeito ao seu objeto, uma barreira epistemológica no acesso ao *ser*, torna-se um traço ontológico do *ser-aí*,⁵⁹ o ente pelo qual se dará o acesso à retomada da questão do *ser*.⁶⁰

2 - Da analítica existencial e o duplo primado do *ser-aí* (*Dasein*)

No caminho percorrido por Heidegger para o desvelamento da questão do sentido do *ser*, a primeira interrogação recai, portanto, sobre o ente que tem o caráter de *ser-aí*.⁶¹ Nesse sentido, a tarefa que se impõe é analisar o ente que somos nós mesmos,⁶² buscar o sentido do *ser* nas raízes do próprio homem.⁶³ O *ser-aí*, este ente que somos

⁵⁴ STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 27-28.

⁵⁵ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 46-48.

⁵⁶ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 186.

⁵⁷ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 60.

⁵⁸ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 44.

⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 59-61.

⁶⁰ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 45. No mesmo sentido, Stein: “O homem não é mais exterior a si mesmo como observador. Está referido a si como tarefa de ser.” (STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 85.)

⁶¹ Neste sentido, as palavras de Heidegger: “Na pergunta sobre o sentido do *ser*, o primeiro a ser interrogado é o ente que tem o caráter de *ser-aí*.” (tradução nossa) (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 41.)

⁶² HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 41.

⁶³ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 59-60.



nós, em seu *ser-sendo* sempre compreende⁶⁴ e se relaciona com o *ser*.⁶⁵ Precisamente por essa razão, a analítica existencial debruça-se sobre a existência fática do *ser-aí*.⁶⁶ A analítica existencial é a análise do *ser-aí* em sua dimensão fática, é o caminho para a ontologia fundamental.⁶⁷ Somente pela interpretação da faticidade do *ser-aí*, em sua privilegiada manifestação, dá-se o caminho para interrogação sobre o sentido do *ser*.⁶⁸

Considerando que a colocação clara e explícita da questão sobre o sentido do *ser* requer a prévia e adequada análise do *ser-aí*, a abertura não se dá por esse ente específico por acaso ou mera arbitrariedade.⁶⁹ O *ser-aí*, o ente privilegiado⁷⁰ por meio do qual se dará o acesso ao *ser*,⁷¹ justamente por *já-sempre* questionar e compreender o *ser*,⁷² possui um duplo primado sobre todos os outros entes.⁷³

O filósofo demonstra o duplo privilégio do *ser-aí* como primado ôntico-ontológico.⁷⁴ O *ser-aí* não é apenas um ente que existe entre

⁶⁴ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 49.

⁶⁵ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 41.

⁶⁶ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 186-187.

⁶⁷ MACDOWELL, João A. **A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 197.

⁶⁸ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 143.

⁶⁹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 07.

⁷⁰ As palavras de Heidegger: “Além disto, o *ser-aí* é, em si mesmo, privilegiado em relação aos outros entes.” (tradução nossa) HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 11.

⁷¹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 08.

⁷² STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 59; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 41.

⁷³ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 08 e p. 11-12; LAMELA ADÓ, Máximo Daniel. **Tonalidades afetivas em el astillero**. Porto Alegre, ediPUCRS, 2008. p. 44.

⁷⁴ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 63; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 15.



outros entes.⁷⁵ Do ponto de vista ôntico, este ente especial distingue-se pelo fato de em seu *ser-sendo* estar em jogo o seu próprio ser.⁷⁶ O *ser-sendo* do ser-aí estabelece uma particular relação com o *ser*.⁷⁷ Isso significa que o ser-aí *já-sempre* compreende e questiona o *ser*, sendo.⁷⁸ A compreensão do *ser* é revelada como uma determinação própria e inerente ao ser-aí.⁷⁹ A partir disso, o primado ôntico do ser-aí está ligado ao fato de que esse ente é ontológico em sua constituição,⁸⁰ já que, sendo, questiona e compreende o *ser*.⁸¹

Em sua análise ôntica do ser-aí,⁸² Heidegger concebe como existência (*Existenz*) a relação entre o ser-aí e o *ser*.⁸³ É por meio da relação com o *ser* que se abrem as possibilidades do ser-aí comportar-se dessa ou daquela maneira no mundo.⁸⁴ Por ser pura expressão do

⁷⁵ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 12.

⁷⁶ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 64; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 12.

⁷⁷ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 12.

⁷⁸ STEIN, Ernildo. **Pensar é pensar a diferença: filosofia e conhecimento empírico**. Ijuí: Unijui, 2006. p. 41; STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 188; STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 11.

⁷⁹ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 188.

⁸⁰ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 12. Nas palavras de Stein: “É condição ôntica do Ser-aí compreender o *ser*. Sua condição ôntica é ontológica [...] a compreensão do *ser* é ela mesma uma determinação do ser do Ser-aí.” (STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 63.)

⁸¹ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 63; STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 186; STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 11; PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 20.

⁸² HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 12; STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 186-188.

⁸³ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 186-188.

⁸⁴ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 20; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 12; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 12;



ser, por estar determinado ônticamente por sua condição ontológica,⁸⁵ essa relação sempre se dará, de um modo ou de outro.⁸⁶ Seguindo esse pensamento, está aberta a possibilidade do *ser-aí* ser ou não ser ele mesmo,⁸⁷ assumir-se ou perder-se nas escolhas que se dão a cada *aí* de seu *ser*.⁸⁸

Nessa linha, a existência determina o *ser-aí*. Em outras palavras, o *ser-aí* é determinado pela sua relação com o *ser* e nisso consiste o primado ôntico.⁸⁹ O *ser-aí* está condenado a *ser*, ainda que isso possa se dar dessa ou daquela maneira.⁹⁰ Ao mesmo tempo, por residir a determinação da existência na própria relação de compreensão e questionamento do *ser*, concebe-se o primado ontológico do *ser-aí*.⁹¹ O *ser-aí* possui, ainda, de forma igualmente originária, uma compreensão privilegiada do *ser* de todos os outros entes que não possuem o mesmo *modo-de-ser* do *ser-aí*. Disso resulta a possibilidade ôntico-ontológica de todas as ontologias que tem por tema os entes desprovidos da compreensão do *ser* própria do *ser-aí*. As chamadas ciências ônticas, assim, encontram fundamento e condição de

STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude**: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijui, 2001. p. 186-188.

⁸⁵ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 12-13.

⁸⁶ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 20.

⁸⁷ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 13.

⁸⁸ STEIN, Ernildo. **Pensar é pensar a diferença**: filosofia e conhecimento empírico. Ijuí: Unijui, 2006. p. 41; PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 20.

⁸⁹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 13.

⁹⁰ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 42; PEREIRA, Newton Gomes. **O ser da política e a política do ser**: confronto entre Hannah Arendt e Martin Heidegger em *Ser e Tempo*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2008. p. 24.

⁹¹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 13.



possibilidade na compreensão do *ser* pelo ser-aí.⁹² Não por outra razão, deve ser o ser-aí o primeiro ente a ser interrogado.⁹³

O ser-aí apresenta-se como o ente que deve ser trabalhado e desenvolvido, de maneira suficiente, para que o questionamento do *ser* torne-se transparente.⁹⁴ O ser-aí, em verdade, é o ente que, desde sempre, aproxima-se do que se questiona no questionamento do *ser*.⁹⁵ A analítica existencial, na qualidade de compreensão interpretativa do ser-aí, constitui, assim, a ontologia fundamental.⁹⁶ A tarefa da analítica existencial, no entanto, não se mostra simples, encontrando dificuldades específicas. Embora o ser-aí seja onticamente o ente mais próximo, já que nós mesmos o somos sempre, do ponto de vista ontológico esse ente é o que se encontra mais distante.⁹⁷ A apreensão ontológica do ser-aí, por essa razão, não se dá de forma imediata.⁹⁸ Por tender a compreender a si mesmo por meio do elemento com o qual essencialmente se relaciona, o mundo, o ser-aí, de plano, possui

⁹² HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 13.

⁹³ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 63; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 41.

⁹⁴ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 14.

⁹⁵ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 186; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 14-15. Nas palavras de Stein: “O sentido do *ser* é aquilo que possibilita ao Dasein ser já sempre síntese. Ele sempre se compreende e compreendendo-se compreende o *ser*, e compreendendo o *ser* compreende a si mesmo. Este elemento da compreensão de *ser* e da compreensão de si mesmo, unidos numa espécie de circularidade, garante ao Dasein uma unidade.” Esta operação é concebida por Stein como *boa circularidade* e representa a ruptura com o eu transcendental da tradição. (STEIN, Ernildo. **Seminário sobre a verdade**. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 38.)

⁹⁶ FIGAL, Günter. **Martin Heidegger zur Einführung**. Hamburg: Junius, 1992. p. 60-61.

⁹⁷ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 15-16.

⁹⁸ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 186-188; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 16-17.



apenas uma interpretação pré-ontológica do *ser*,⁹⁹ não servindo esta de fio condutor à analítica existencial.¹⁰⁰ A constituição do *ser* permanece velada para o *ser-aí*, exigindo-se um exercício filosófico de acesso e desvelamento – a fenomenologia.¹⁰¹

Como observado, a eleição do modo adequado de acesso ao *ser-aí* torna-se um desafio da analítica existencial.¹⁰² O acesso não deve se dar pelas pré-compreensões imediatas na relação com o mundo,¹⁰³ mas pelo desvelamento das estruturas essenciais do *ser-aí* histórico,¹⁰⁴ nas quais ele se mostra a si mesmo em sua cotidianidade.¹⁰⁵ O fato de o *ser-aí* ser um ente ontológico não significa que não haja a necessidade da elaboração de uma ontologia.¹⁰⁶ Pelo contrário, a compreensão do *ser* pelo *ser-aí* é pré-ontológica, o que exige seu desvelamento hermenêutico-fenomenológico.¹⁰⁷ É na liberação das estruturas essenciais determinantes do *modo-de-ser* mais próprio do *ser-aí*, em

⁹⁹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 15; PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 20.

¹⁰⁰ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 15.

¹⁰¹ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 56-57 e 59-60. Sobre uma tendência do *ser-aí* de encobrir a questão do *ser* e a necessidade de um exercício fenomenológico de desvelamento, ver: STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 61-62.

¹⁰² STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 53-63; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 15.

¹⁰³ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 15-16 e p. 58-59.

¹⁰⁴ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 63.

¹⁰⁵ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 16-17; STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 186-188; STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 55-56.

¹⁰⁶ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 186; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 16-17.

¹⁰⁷ STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 52-55; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 34-38.



sua temporalidade,¹⁰⁸ que se encontra o caminho do sentido do ser na ontologia fundamental de Heidegger.¹⁰⁹

3 - Da estrutura fundamental do ser-aí (*Dasein*) como ser-no-mundo (*in-der-Welt-sein*) e como ser-com (*Mitsein*)

Seguindo o caminho do pensamento de Heidegger, um existencial essencial a ser desvelado pela analítica do ser-aí é o *ser-no-mundo* (*in-der-Welt-sein*).¹¹⁰ A estrutura fundamental constituinte do ser-aí é *ser-no-mundo*.¹¹¹ Somente o homem é *ser-no-mundo*.¹¹² O homem não se soma aos outros entes no mundo, nem a ele se liga por qualquer operação, o homem só é homem porque é *ser-no-mundo* e o mundo é constituído pelo ser-aí.¹¹³ Considerando que a analítica existencial caminha no sentido de desvelar as estruturas essenciais que revelam o *modo-de-ser* do homem,¹¹⁴ o ponto de partida é o *ser-no-*

¹⁰⁸ STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude**: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijui, 2001. p. 264.

¹⁰⁹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 16-17; STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude**: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijui, 2001. p. 264-265; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 55-56 e p. 59; PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 35.

¹¹⁰ Nas palavras de Heidegger: “Continuando no ponto de partida já estabelecido na investigação, deve-se liberar uma estrutura fundamental do ser-aí, o ser-no-mundo. Este *a priori* da interpretação do ser-aí não é uma determinação adicional, mas uma estrutura originária e total.” (tradução nossa) (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 41.)

¹¹¹ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 66.

¹¹² HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 52-53

¹¹³ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 66-67.

¹¹⁴ VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 23; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 65-66.



mundo inerente ao ser-aí.¹¹⁵ O ser do homem, como latente possibilidade, realiza-se no mundo.¹¹⁶ Se o caráter mais radical do ser-aí é existir,¹¹⁷ sua abertura na relação com o *ser* o constitui como *poder-ser*. Existir é *poder-ser*.¹¹⁸

A partir disso, o homem é determinado pela possibilidade de ser ou não ser ele mesmo,¹¹⁹ escolhendo-se a si próprio em seu ser.¹²⁰ Tal possibilidade existencial, no entanto, não se realiza em uma abstração fechada do homem consigo mesmo, mas ganha concretude no mundo,¹²¹ já que existir significa *ser-no-mundo*.¹²² A ultrapassagem das

¹¹⁵ Nas palavras de Heidegger: “Estas determinações do ser do ser-aí devem, agora, ser vistas e compreendidas, primeiramente, com base na constituição de ser que designamos de ser-no-mundo. O ponto de partida adequado para a analítica do ser-aí consiste em se interpretar esta constituição.” (tradução nossa) (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 53.)

¹¹⁶ VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 25-26; STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 186; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 264-265.

¹¹⁷ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 36; STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 266.

¹¹⁸ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 36-37; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 12; VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 24-25.

¹¹⁹ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 37; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 42-43 e p. 148.

¹²⁰ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 42-43. É preciso dizer que é esta abertura que possibilita os modos de ser autêntico e inautêntico trabalhados por Heidegger. Estes modos de ser, por sua vez, estão ligados à possibilidade do ser-aí ser ou não ser si mesmo em seu *ser-no-mundo*, apropriar-se, ou não, de sua possibilidade mais própria. Sobre isto ver, também: NAVES, Gilzane Silva. Liberdade e autenticidade em Heidegger: uma análise fenomenológica do homem. **Revista Poros**. Uberlândia: v. 1, n. 1, 2009. p. 63-77; PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 42 ss; VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 32.

¹²¹ HEIDEGGER, Martin. **Ontologia: Hermenêutica de la facticidad**. Trad. Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza Editorial, 1999. p. 111 ss; VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 26; PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 36.

¹²² HEIDEGGER, Martin. **Ontologia: Hermenêutica de la facticidad**. Trad. Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza Editorial, 1999. p. 109.



possibilidades existenciais do homem faz-se presente no mundo,¹²³ na qualidade de espaço em que o ser-aí se manifesta fenomenalmente.¹²⁴

Se o ser-aí se define como *ser-no-mundo*, é necessária a compreensão do conceito de mundo em Heidegger.¹²⁵ O mundo é a espacialidade fática em que se apresenta o *ser-em* do ser-aí.¹²⁶ O mundo é uma característica do próprio ser-aí, como localidade de manifestação de seu *aí*, não uma determinação de um ente oposto ao homem.¹²⁷ Isso resulta do fato de que não há mundo se não existe ser-aí, bem como o ser-aí não é senão como *ser-no-mundo*.¹²⁸

O mundo é o lugar onde os entes que não têm o *modo-de-ser* do ser-aí ganham significação por este último.¹²⁹ O mundo não é a soma de todos esses entes ou coisas, antes é uma condição de possibilidade para o aparecimento e significação das coisas.¹³⁰ Por não estar o

¹²³ VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 26-27.

¹²⁴ Leciona Heidegger: “A compreensão de ser-no-mundo como estrutura essencial do Ser-aí é que possibilita a visão penetrante da espacialidade existencial do ser-aí” (tradução nossa) (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 56); STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijui, 2001. p. 197. Sobre a questão da espacialidade do ser-aí, neste sentido, ver, também: FRANCK, Didier. **Heidegger e o problema do espaço**. Trad. João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1986. p. 99-111.

¹²⁵ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 66.

¹²⁶ HEIDEGGER, Martin. **Ontologia: Hermenêutica de la facticidad**. Trad. Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza Editorial, 1999. p. 110; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 104-106.

¹²⁷ VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 27; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 53-56 e p. 104.

¹²⁸ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 66-67.

¹²⁹ HEIDEGGER, Martin. **Ontologia: Hermenêutica de la facticidad**. Trad. Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza Editorial, 1999. p. 119 ss; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67; VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 30-32.

¹³⁰ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 72; PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 49; VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 30.



homem dentro do mundo¹³¹ e sim familiarizado junto a uma rede de significados que possibilita o aparecimento destes entes destituídos de mundo,¹³² as coisas não são objetos passíveis de uma atividade gnosiológica neutra.¹³³ As coisas são instrumentos a serem utilizados por nossa abertura existencial, ganhando funções específicas de acordo com a nossa intimidade com a rede de significados que é o mundo.¹³⁴

É nessa rede de significados representada pelo mundo que o ser-aí se dá como *poder-ser*.¹³⁵ O mundo, que surge por essa rede de significados, possibilita o ser-aí ser espacialmente.¹³⁶ Heidegger pretende uma relação de simultaneidade entre mundo e homem, em que a existência do homem ganha seu significado na relação com o mundo e este, por sua vez, obtém significação por meio do homem.¹³⁷

¹³¹ Heidegger esclarece que a relação espacial em que um ente está *dentro* do outro não serve para compreender a manifestação do ser-aí de estar *junto ao mundo*. O ser-em, como expressão existencial do *ser-no-mundo*, quer significar estar *familiarizado a* ou estar *habitado a*. Os entes simplesmente dados, as coisas que correm e ocorrem dentro do mundo, que não tem o *modo-de-ser* do ser-aí, nutrem uma relação espacial categorial com o mundo, justamente por serem entes destituídos de mundo. A relação do ser-aí com o mundo, no entanto, é existencial. O ser-aí constitui o mundo e sempre já é no mundo, não existindo a justaposição categorial de um ente sobre o outro. HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 54-55.

¹³² HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 54-55; VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 27-29.

¹³³ STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 24-25; VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 28-29; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 60-61; PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 43.

¹³⁴ VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 29-32; HEIDEGGER, Martin. **Ontologia: Hermenêutica de la facticidad**. Trad. Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza Editorial, 1999. p. 119 ss.

¹³⁵ VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 26-32.

¹³⁶ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 56; PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 46-47.

¹³⁷ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 66-67.



Não por outra razão, mundo é o espaço em que o ser-aí *já-sempre* é.¹³⁸ Se a constituição fundamental de *ser-no-mundo* determina o *modo-de-ser* do homem,¹³⁹ então é preciso dizer que não apenas as coisas destituídas de mundo vêm ao encontro do ser-aí no mundo, também os outros homens configuram o mundo.¹⁴⁰ Assim, apresenta-se uma estrutura existencial do ser-aí tão originária quanto o *ser-no-mundo*, o ser-com (*Mitsein*).¹⁴¹

O mundo do ser-aí, dessa forma, libera não só instrumentos que não possuem o mesmo *modo-de-ser* do homem, mas também entes que possuem igualmente o *modo-de-ser-no-mundo*.¹⁴² A partir desses entes, igualmente liberadores de mundo, o ser-aí coexiste e se configura como ser-com os outros seres-aí.¹⁴³ Os outros, aqui, não significam todo o resto dos demais além de mim, dos quais eu poderia me isolar.¹⁴⁴ Os outros são aqueles com os quais *já-sempre* se está.¹⁴⁵ O ser-com determina de tal modo o ser-aí que, mesmo quando está só, ele é ser-com. O outro só pode me faltar porque eu sou ser-com, a ausência só existe como possibilidade negativa do ser-com.¹⁴⁶

¹³⁸ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 66-67; FERREIRA, Acylene Maria Cabral. O Destino como serenidade. **Síntese - Revista de Filosofia**. Belo Horizonte: v. 30, n. 97, 2003. p. 249-262.

¹³⁹ VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 24-26.

¹⁴⁰ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 118.

¹⁴¹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 114.

¹⁴² STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 118.

¹⁴³ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 118.

¹⁴⁴ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 67.

¹⁴⁵ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 66.

¹⁴⁶ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 120-121.



O ser-com, nesse sentido, não quer significar um conjunto categorial de entes simplesmente dados,¹⁴⁷ mas representa o compartilhar existencial de um ser-aí com outros *seres-aí-no-mundo*.¹⁴⁸ O mundo do ser-aí, neste passo, é sempre compartilhado com os outros que possuem igualmente seu *modo-de-ser* constitutivo de mundo.¹⁴⁹ *Ser-no-mundo* é, assim, ser-com.¹⁵⁰ A coexistência com os outros constitui o *ser-no-mundo* e os outros coexistentes vêm ao encontro do ser-aí no mundo.¹⁵¹ O homem é essencialmente ser-com e a abertura para o mundo libera o ser-aí para os coexistentes.¹⁵²

Por terem o mesmo *modo-de-ser-no-mundo* do ser-aí, isto é, por serem igualmente entes constituidores de mundo,¹⁵³ os outros homens encontram-se profundamente ligados ao ser-aí.¹⁵⁴ A co-constituição de mundo liga os diversos seres-aí entre si. Eu sou ser-com outra existência, ao mesmo tempo em que o outro é ser-com minha existência. Eu estou ligado, como *ser-no-mundo*, com os outros *seres-no-mundo* de tal modo que só me é possível existir como ser-aí porque

¹⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 118.

¹⁴⁸ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 66-67; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 118.

¹⁴⁹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 118-120.

¹⁵⁰ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 66-67.

¹⁵¹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 119-121.

¹⁵² PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 68; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 121.

¹⁵³ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67.

¹⁵⁴ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 67.



eu sou com os outros existentes. A ligação entre os seres-aí é tão radical que constitui a condição de sua existência.¹⁵⁵

Do mesmo modo que o ser-aí não existiria, em sua abertura temporal com o *ser*, sem o espaço de manifestação mundo, ele não existiria sem os outros.¹⁵⁶ O mundo constituído e constituinte do ser-aí é, também, o mundo dos outros, de modo que estes, assim como o mundo, *já-sempre* acompanham o ser-aí.¹⁵⁷ Como se observou, os outros não são um resto dissociável do homem, são parte do homem ontologicamente compreendido como *ser-no-mundo*.¹⁵⁸ O ser-com é o *modo-de-ser* essencial do ser-aí no mundo, de sorte que o homem nunca é absolutamente independente dos outros, uma vez que a estes se liga em sua própria forma de existir.¹⁵⁹

4 - Do ser do ser-aí como cuidado (*Sorge*) e cuidado-para (*Fürsorge*)

Se o ser-com constitui existencialmente o *ser-no-mundo* do homem, esta estrutura deve poder ser interpretada pelo fenômeno do

¹⁵⁵ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67. Nas palavras de Heidegger: “O ser-com determina existencialmente o ser-aí.” (tradução nossa) HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 120.

¹⁵⁶ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 68; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67.

¹⁵⁷ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 68; LAMELA ADÓ, Máximo Daniel. **Tonalidades afetivas em El Astillero**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2008. p. 51.

¹⁵⁸ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 118; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67.

¹⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 118-121; PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 67-69; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67.



cuidado (*Sorge*).¹⁶⁰ O caráter ontológico da ocupação (*Besorgen*),¹⁶¹ próprio da relação entre o ser-aí e as coisas simplesmente dadas, que não possuem o mesmo *modo-de-ser* do ser-aí, não pode ser utilizado na compreensão do ser-com. O ente com o qual o homem se relaciona como ser-com possui o mesmo *modo-de-ser-no-mundo* do ser-aí. A relação com esse ente não é de ocupação, mas de *cuidado-para* (*Fürsorge*).¹⁶²

O fenômeno ontológico-existencial do *cuidado-para* é um desdobramento do cuidado originário,¹⁶³ uma vez que esse configura a unidade radical do *ser-no-mundo*.¹⁶⁴ O *cuidado-para* se mostra como uma dimensão do cuidado aplicada ao ser-com. Este existencial dá-se na relação do homem com os outros homens no mundo.¹⁶⁵ Por tal razão, esse existencial pode ser concebido como a possibilidade do ser-aí oferecer *cuidado-para-com-o-outro*.¹⁶⁶ O *cuidado-para-com-o-outro*

¹⁶⁰ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 121.

¹⁶¹ O termo *Besorgen* (ocupação) diz respeito ao desdobramento da *Sorge* (cuidado) na relação do ser-aí com as coisas simplesmente dadas no mundo, que não possuem o modo de *ser-no-mundo* do ser-aí. ALMEIDA, Rogério da Silva. **O cuidado no Heidegger dos anos 20**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em Filosofia. Porto Alegre: 2102. p. 10-13, p. 44 e p. 84.

¹⁶² STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 121; GREISCH, Jean. **Ontologie et temporalité**. Paris: P.U.F., 1994. p. 237. O existencial *Fürsorge* (*cuidado-para*) encontra traduções para o português, também, como preocupação ou solicitude. Existe uma forte tradição francesa em traduzir o termo como *sollicitude*. Essa tradução francesa tem influenciado as traduções brasileiras. Ainda assim, para esta investigação, a tradução literal *cuidado-para* parece mais adequada para revelar a dimensão do cuidado originário na relação do homem com o outro homem no mundo.

¹⁶³ DUARTE, Irene Borges. A fecundidade ontológica da noção de cuidado. Universidade de Évora. **Revista Ex Aequo**. N.º 21. Évora: 2010. p. 118.

¹⁶⁴ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 66.

¹⁶⁵ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 121; ALMEIDA, Rogério da Silva. **O cuidado no Heidegger dos anos 20**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em Filosofia. Porto Alegre: 2102. p. 84.

¹⁶⁶ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 176; LAMELA ADÓ, Máximo Daniel. **Tonalidades afetivas em El Astillero**. Porto Alegre, ediPUCRS, 2008. p. 114.



traduz um específico *poder-ser* do homem na sua coexistência com o outro no mundo.¹⁶⁷ O modo básico de ser do ser-com é *cuidado-para-com-o-outro* e o *cuidado-para-com-o-outro* constitui assim o ser-com.¹⁶⁸

Como latente possibilidade do ser-com enquanto *ser-no-mundo*,¹⁶⁹ o *cuidado-para-com-o-outro* pode se dar de forma deficitária.¹⁷⁰ Levando em conta, a partir do que já foi exposto, que a abertura existencial do ser-aí permite ao mesmo manifestar-se no mundo desta ou daquela maneira, assumindo-se ou perdendo-se, o *não-cuidado-para-com-o-outro* se apresenta, igualmente, como uma possibilidade do ser-com, como uma face negativa do *cuidado-para*.¹⁷¹ Se o ser-aí se mostra como si próprio quando seu *poder-ser* no mundo projeta-se, na coexistência, como *cuidado-para-com-o-outro*,¹⁷² a possibilidade de não ser si próprio está sempre aberta ao homem, já que o ser-aí é

¹⁶⁷ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 143; SOUZA, César R. F. de. Observações sobre a origem da moralidade: uma aproximação entre Heidegger e Winnicott. *Revista Winnicott e-Prints Printed Version*. São Paulo: v. 4, n. 1, 2005. p. 24-25; ALMEIDA, Rogério da Silva. *O cuidado no Heidegger dos anos 20*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em Filosofia. Porto Alegre: 2102. p. 79.

¹⁶⁸ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 121 e p. 146.

¹⁶⁹ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 143, p. 176 e p. 298.

¹⁷⁰ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 121; ALMEIDA, Rogério da Silva. *O cuidado no Heidegger dos anos 20*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em Filosofia. Porto Alegre: 2102. p. 85-87.

¹⁷¹ ALMEIDA, Rogério da Silva. *O cuidado no Heidegger dos anos 20*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em Filosofia. Porto Alegre: 2102. p. 85-87; SOUZA, César R. F. de. Observações sobre a origem da moralidade: uma aproximação entre Heidegger e Winnicott. *Revista Winnicott e-Prints Printed Version*. São Paulo: v. 4, n. 1, 2005. p. 24-25; HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 121-123.

¹⁷² HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 263; ALMEIDA, Rogério da Silva. *O cuidado no Heidegger dos anos 20*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em Filosofia. Porto Alegre: 2102. p. 85-87; SOUZA, César R. F. de. Observações sobre a origem da moralidade: uma aproximação entre Heidegger e Winnicott. *Revista Winnicott e-Prints printed version*. Vol. 4, n. 1. São Paulo: 2005. p. 24-25.



abertura e não fechamento na sua relação com o *ser*.¹⁷³ Justamente por constituir o *cuidado-para-com-o-outro* o modo mais próprio do *ser-com*,¹⁷⁴ o *não-cuidado-para-com-o-outro* se mostra como uma manifestação inautêntica possível.¹⁷⁵

Se o *cuidado-para-com-o-outro*, como instituição social fática do *ser-aí*,¹⁷⁶ carrega consigo o radical do cuidado,¹⁷⁷ apresentando-se como uma de suas formas de manifestação,¹⁷⁸ então necessário é o estudo do cuidado originário. O *ser-no-mundo* do *ser-aí* pode ser desdobrado em vários momentos.¹⁷⁹ A unidade da constituição do homem como *ser-no-mundo* não exclui a multiplicidade de momentos estruturais que a compõe.¹⁸⁰ Essa unidade do *ser-no-mundo* do *ser-aí* se desvela pelo cuidado.¹⁸¹ O cuidado compõe e unifica as estruturas básicas do *ser-aí* no mundo.¹⁸²

¹⁷³ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 143, p. 176 e p. 193; SOUZA, César R. F. de. Observações sobre a origem da moralidade: uma aproximação entre Heidegger e Winnicott. *Revista Winnicott e-Prints Printed Version*. São Paulo: v. 1, n. 4, 2005. p. 24-25.

¹⁷⁴ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 146-176.

¹⁷⁵ ALMEIDA, Rogério da Silva. *O cuidado no Heidegger dos anos 20*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em Filosofia. Porto Alegre: 2102. p. 85-87; SOUZA, César R. F. de. Observações sobre a origem da moralidade: uma aproximação entre Heidegger e Winnicott. *Revista Winnicott e-Prints Printed Version*. São Paulo: v. 4, n.1, 2005. p. 24-25.

¹⁷⁶ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 121.

¹⁷⁷ VANNY, Adel Fernando de Almeida. *O conceito de “significatividade” em Ser e Tempo de Martin Heidegger*. Universidade Federal de Santa Maria. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Santa Maria: 2009. p. 15.

¹⁷⁸ ALMEIDA, Rogério da Silva. *O cuidado no Heidegger dos anos 20*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em Filosofia. Porto Alegre: 2102. p. 139.

¹⁷⁹ STEIN, Ernildo. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 66.

¹⁸⁰ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 53.

¹⁸¹ PASQUA, Hervé. *Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger*. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 95-96.

¹⁸² STEIN, Ernildo. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 68-69; GREISCH, Jean. *Ontologie et temporalité*. Paris: P.U.F, 1994. p. 236-242.



O *ser-no-mundo* do ser-aí se fragmenta em uma tríplice estrutura.¹⁸³ Isto significa que o *modo-de-ser-no-mundo* do ser-aí pode ser desdobrado em três momentos:¹⁸⁴ existencialidade, faticidade e decaída.¹⁸⁵ São esses os três momentos que compõe a estrutura ontológica total do ser-aí¹⁸⁶ em sua dimensão temporal.¹⁸⁷ O ser-aí é um ente em que, sendo, *está em jogo* o seu próprio ser.¹⁸⁸ O *estar em jogo* representa a abertura para o *poder-ser* mais próprio do ser-aí. Dessa abertura resulta a possibilidade, como se demonstrou, do ser-aí ser ou não ser ele mesmo. A liberdade para a existência autêntica ou inautêntica, em que *está em jogo* o *poder-ser* mais radical do ser-aí, configura o homem como sendo sempre uma possibilidade de si mesmo. O ser-aí está sempre para além de si mesmo, revelando-se como um *anteceder-a-si-mesmo* na possibilidade de *ser-no-mundo*.¹⁸⁹

A constituição do ser-aí como *ser-adiante-de-si-mesmo*¹⁹⁰ desvela o homem como possibilidade. Justamente em razão desta possibilidade que o atravessa, o homem é projeto. O projeto configura o momento da existencialidade.¹⁹¹ Esse projeto, no entanto, não é de

¹⁸³ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67.

¹⁸⁴ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 191; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67.

¹⁸⁵ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 191.

¹⁸⁶ STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 84-85.

¹⁸⁷ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 191; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67.

¹⁸⁸ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 191.

¹⁸⁹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 191-192.

¹⁹⁰ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 68 e 71.

¹⁹¹ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67-68.



todo livre, antes é tarefa,¹⁹² uma vez que o ser-aí está condenado a *já-ser-no-mundo*.¹⁹³ O homem está jogado na existência, não tem notícias de suas raízes¹⁹⁴ e está *já-sempre* jogado em um mundo.¹⁹⁵ Tal dimensão de *já-estar-jogado* determina o projeto e configura-se como faticidade.¹⁹⁶ A faticidade é o momento estrutural do ser-aí que constitui sua incontornável condição de *estar-jogado* na existência. Uma vez que o projeto é determinado pela faticidade, ele é sempre limitado. Por não ser o ser-aí suas raízes, por estar sua origem no nada, o homem está condicionado a *já-sempre* optar por uma possibilidade e deixar as outras. A faticidade é a radical condição do homem de *já-estar-jogado* em um jogo que ele não projetou.¹⁹⁷

Dentro desta tríplice constituição temporal do ser-aí se tem assim a existencialidade como projeto ou possibilidade que corre para frente – futuro – e a faticidade como incontornável condição de *já-estar-jogado* – passado. O momento que completa essa múltipla estrutura do homem no mundo é a decaída. Em sua constituição ontológica total, o homem corre para frente, encontra a morte como possibilidade última incomensurável,¹⁹⁸ volta ao passado, percebe seu *já-estar-*

¹⁹² STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 68.

¹⁹³ Sobre estar o ser-aí *já-sempre* condenado a ser, ainda que desta ou daquela maneira, por estar determinado em seu ser pelo ser, observar o que já foi dito no início do artigo.

¹⁹⁴ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67.

¹⁹⁵ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 192.

¹⁹⁶ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 69 e p. 71; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 192.

¹⁹⁷ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 70-71.

¹⁹⁸ No entendimento de Stein, o *ser-para-a-morte* constitui o ser-aí. Na qualidade de *poder-ser* que corre adiante, a existencialidade do ser-aí tem como possibilidade última a morte. A morte como possibilidade suprema representa a impossibilidade de qualquer outra possibilidade, a impossibilidade de qualquer outro *poder-ser*. Esta impossibilidade de uma nova possibilidade de outro *poder-ser* permite a compreensão do



jogado e, finalmente, articula o projeto jogado no presente.¹⁹⁹ O momento da decaída representa a articulação das condições intangíveis da existencialidade e da faticidade no presente. Existencialidade, faticidade e decaída configuram a tríade temporal *passado-presente-futuro* do ser-aí. Na qualidade de *ser-para-a-morte*, a última possibilidade do homem o conduz à primeira e esta, por sua vez, condiciona a articulação de suas escolhas no presente.²⁰⁰

O cuidado representa a unidade essencial desses três momentos constitutivos do *ser-no-mundo* do ser-aí.²⁰¹ A percepção dessas três estruturas como um todo confere unidade ontológica ao homem, afastando uma mera análise descritiva de diferentes momentos existenciais.²⁰² O fenômeno ontológico que liga esses diversos momentos constitutivos do homem no mundo é o cuidado.²⁰³ O ser do ser-aí é cuidado, sendo que este representa a totalidade originária da

homem como uma unidade. A totalidade do homem como ser histórico só pode ser pensada porque ele é *ser-para-a-morte*. Não por outra razão, somos existência porque morremos e o *ser-no-mundo* só é possível porque o homem sabe que a mais elementar de suas possibilidades é a morte. STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 69-70. Sobre o *ser-para-a-morte* ver, também: HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 241 ss.

¹⁹⁹ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 67 e 71.

²⁰⁰ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 71-72.

²⁰¹ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 96;

²⁰² STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 69-72; PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 95-96.

²⁰³ GREISCH, Jean. **Ontologie et temporalité**. Paris: P.U.F, 1994. p. 236-237; PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 96-97.



estrutura do homem no mundo.²⁰⁴ Não por outro motivo, o ser-aí é um ente determinado em seu ser pelo cuidado.²⁰⁵

A compreensão do ser-aí como cuidado não representa uma ideia inventada ou uma novidade.²⁰⁶ Prova disso é que o homem, em uma compreensão pré-ontológica, desde muito cedo já se percebeu como cuidado.²⁰⁷ A confirmação da compreensão pré-ontológica do homem como cuidado sustenta a tese de Heidegger de que o fundamento ontológico do homem é o cuidado.²⁰⁸

Uma vez definido o ser do homem como cuidado, impõe-se uma particular relação desse homem com o mundo, com as coisas simplesmente dadas e com os outros homens.²⁰⁹ Precisamente por tal razão, o cuidado não representa uma atitude isolada do eu consigo mesmo. Uma vez que em sua essência o ser-aí, na qualidade de ser-no-mundo, é cuidado, pode-se compreender o ser junto às coisas como ocupação e o ser-com os outros seres-aí como *cuidado-para* ou *cuidado-para-com-o-outro*, como se observou. Nesse sentido, o cuidado será sempre ocupação e *cuidado-para-com-o-outro*, de modo

²⁰⁴ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 193-194; GREISCH, Jean. **Ontologie et temporalité**. Paris: P.U.F, 1994. p. 236-237.

²⁰⁵ Nas palavras de Heidegger: “[...] um ente cujo ser deve determinar-se como cuidado.” (tradução nossa) HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 193.

²⁰⁶ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 196.

²⁰⁷ A confirmação desta compreensão pré-ontológica do homem como cuidado é levada a cabo, no parágrafo 42 de Ser e Tempo, por meio da alegoria da fábula de Hígino n. 220. (HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 197-198.) STEIN, Ernildo. Seis estudos sobre ser e tempo. **Petrópolis: Vozes, 1990. p. 84.**

²⁰⁸ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Tradução: Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 101-102.

²⁰⁹ STEIN, Ernildo. Seis estudos sobre ser e tempo. **Petrópolis: Vozes, 1990. p. 84.**



que a partir dessas estruturas o ser-aí é projetado em suas possibilidades no mundo.²¹⁰

5 - Da culpa originária (*die Schuld*) na ontologia fundamental e os possíveis desdobramentos éticos a título de brevíssima conclusão

Tendo em vista a latente possibilidade existencial do ser-aí *ser-no-mundo*, na qualidade de ser-com,²¹¹ é pela decisão de assumir sua radical condição de *estar-jogado* que emerge a autenticidade.²¹² É a partir da tomada de consciência da dimensão da faticidade, dentro da tríplice estrutura temporal do ser-aí, unificada pelo cuidado, que se solidifica a potencialidade do homem ser o seu *si-mesmo* mais próprio.²¹³ Lembrando que, pela abertura que se dá na relação do ser-aí com o *ser*, sempre existe a possibilidade da existência inautêntica, do ser-aí não ser si mesmo,²¹⁴ é por meio do chamado à consciência²¹⁵ que o *inautêntico-si-mesmo* é provocado.²¹⁶ A natureza desse chamamento é chamar o ser-aí para o seu *poder-ser* mais próprio,

²¹⁰ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 193-195.

²¹¹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 42-43 e p. 148.

²¹² STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 70.

²¹³ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 42-43, p. 148 e p. 221; STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 70-71.

²¹⁴ PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 42 ss.

²¹⁵ Sobre o chamado à consciência e a culpa originária em Heidegger ver, também: FRÖHLICH, Sandro. **A abertura da possibilidade como possibilidade de abertura**. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: 2009. p. 97 ss.

²¹⁶ WULFF, Agnes. **Die existenziale Schuld**. Berlin: Lit Verlag, 2008. p. 180.



como *ser-no-mundo* e *ser-com*.²¹⁷ O que se invoca nesse chamamento é a percepção da faticidade, a consciência do *já-estar-jogado* em um jogo que não projetou. Tal radical condição de fragilidade Heidegger denomina como culpa, ao passo em que a partir dela o *ser-aí* é e está em dívida.²¹⁸

A culpa originária em Heidegger diz respeito ao fato do *ser-aí* estar sempre para além de si mesmo,²¹⁹ já que jamais pode apoderar-se do fundamento que o projeta em suas possibilidades na relação com o *ser*.²²⁰ Essas possibilidades podem, apenas, a partir do fundamento, porém nada podem com o fundamento, apontando para algo que sempre escapa ao homem em seu começo, algo sobre o qual gravita o *ser-aí*.²²¹ Não por outra razão, como foi demonstrado, o projeto existencial é limitado e o *ser-aí* está condenado a ser, a escolher uma possibilidade e deixar as outras.²²² Essa escolha é uma potencialidade aberta, uma vez que assumir ou não a dívida de sua origem, esse nada que escapa ao homem, constitui, invariavelmente, uma decisão do *ser-aí*.²²³ O *não* que escapa às possibilidades existenciais do homem, a

²¹⁷ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 274 e 280; WULFF, Agnes. **Die existenziale Schuld**. Berlin: Lit Verlag, 2008. p. 180 ss.

²¹⁸ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 71; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 279-280 e p. 287.

²¹⁹ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p. 71.

²²⁰ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 284.

²²¹ STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011. p.70-71; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 284.

²²² WULFF, Agnes. **Die existenziale Schuld**. Berlin: Lit Verlag, 2008. p. 185 ss.

²²³ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 268; SEIBT, Luis Cezar. Poder-ser próprio: angústia e morte em ser e tempo de Heidegger. **Revista Philosophica**. Valparaíso: v. 35, 2009. p. 189 ss.



condição que Heidegger chama de culpa, revela-se como o fundamento dessas mesmas possibilidades que não a alcançam.²²⁴

O *ser-culpado* é, assim, uma característica fundamental do ser-aí, que está para além de qualquer possibilidade de existência autêntica ou inautêntica.²²⁵ Justamente por representar a condição dessas possibilidades existenciais do homem, o *ser-culpado* encontra o seu espaço ontológico *antes* de qualquer escolha fática do ser-aí.²²⁶

A dívida ou culpa originária que determina a existência do ser-aí e o constitui como traço contínuo,²²⁷ pelo exposto, não pode ser considerada uma falta do homem na sua relação com o outro no mundo.²²⁸ A culpa originária não pode representar uma falta do ser-aí, dentro da ontologia fundamental, pelo simples fato de que nada pode faltar essencialmente à existência, não por esta ser perfeita, mas porque o seu caráter ontológico de unidade não permite ela ser assim concebida.²²⁹

²²⁴ WULFF, Agnes. **Die existenziale Schuld**. Berlim: Lit Verlag, 2008. p. 185-198; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 279-280.

²²⁵ Nas palavras de Wulff: “O ser-culpado original revela-se como característica fundamental do ser-aí, para além de todos os valores de natureza religiosa ou ética estabelece um modo de ser básico do ser-aí. O ser-culpado, assim, pertence ao ser-aí antes de se poder atribuir uma constituição de ser autêntica ou inautêntica.” (tradução nossa) (WULFF, Agnes. **Die existenziale Schuld**. Berlim: Lit Verlag, 2008. p. 256.)

²²⁶ Novamente, a autora Wulff vem auxiliar a investigação: “Aqui vem, novamente, expressar a característica original do ser-culpado do ser-aí, o *antes* qualquer ação factual, na constituição de ser do ser-aí é, assim, acentuado.” (tradução nossa) No mesmo sentido: “O ser-culpado é, portanto, para Heidegger, independente da autenticidade ou inautenticidade do ser-aí, um traço contínuo do ser-aí. É a própria fundamentação da possibilidade de ser autêntico ou inautêntico. O modo de ser autêntico ou inautêntico, portanto, é baseado no ser-culpado.” (tradução nossa) (WULFF, Agnes. **Die existenziale Schuld**. Berlim: Lit Verlag, 2008. p. 257-258.)

²²⁷ WULFF, Agnes. **Die existenziale Schuld**. Berlim: Lit Verlag, 2008. p. 258; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 282-283.

²²⁸ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 282-284.

²²⁹ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 283.



Nessa via, a culpa originária não pode ser considerada sob uma perspectiva de reprovação ética na relação do ser-aí com os outros no mundo.²³⁰ Por estar *antes* das possibilidades de escolha do homem no mundo, a culpa originária não resulta de uma causa ligada a uma escolha. Pelo contrário, a causa só pode ser fundamentada em um *ser e estar* em dívida originário.²³¹ Não podendo conceber como falta aquilo que é fundamento de uma falta,²³² Heidegger concebe a culpa originária como condição de possibilidade²³³ para a reprovação de um sujeito que vem a ser responsável por sua escolha perante o outro na comunidade.²³⁴ Qualquer espécie de aferimento de censura axiológica, por uma escolha livre do ser-aí, em suas configurações fáticas, pressupõe a culpa originária, embora, como visto, esta não seja passível de expiação ou reprovação, precisamente por anteceder e pressupor tal possibilidade.²³⁵

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério da Silva. **O cuidado no Heidegger dos anos 20.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em Filosofia. Porto Alegre: 2102.

²³⁰ SALES, Marcela Barbosa Leite. A questão da dimensão ética na analítica existencial heideggeriana. **Revista Ágora Filosófica.** Rio de Janeiro: ano 2, n. 1, 2002. p. 46; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 281-283.

²³¹ SEIBT, Luis Cezar. Poder-ser próprio: angústia e morte em ser e tempo de Heidegger. **Revista Philosophica.** Valparaíso: v. 35, 2009. p. 194-195; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 283-284.

²³² HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 283.

²³³ MACHADO, Jorge Antônio. **Culpa e existência:** uma retomada dos indícios formais como ferramenta metodológica de Martin Heidegger. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. Tese de Doutorado. Porto Alegre: 2003. p. 197.

²³⁴ HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 282-283 e p. 286.

²³⁵ REIS, Jose. O tempo em Heidegger. **Revista Filosófica de Coimbra.** Coimbra: n. 28, 2005. p. 374-376; HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967. p. 282-284 e p. 286.



BRENTANO, Franz. **Aristote. Les significations de l'être.** De La diversité dès acceptions de l'être selon aristote. Trad. Pascal David. Paris: LPJ, 1992.

DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas.** Trad. Marco Casanova. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

DUARTE, Irene Borges. A fecundidade ontológica da noção de cuidado. Universidade de Évora. **Revista Ex Aequo.** N.º 21. Évora: 2010.

FRANCK, Didier. **Heidegger e o problema do espaço.** Trad. João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1986.

FERREIRA, Acylene Maria Cabral. O Destino como serenidade. **Síntese - Revista de Filosofia.** Belo Horizonte: v. 30, n. 97, 2003.

FIGAL, Günter. **Martin Heidegger zur Einführung.** Hamburg: Junius, 1992.

HUNGLHAUS, Thiago. **O antiplatonismo de Nietzsche.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Paraná – Departamento de Filosofia. Curitiba: 2010.

GREISCH, Jean. **Ontologie et temporalité.** Paris: P.U.F, 1994.

GUIGNON, Charles B. (Org.). **Poliedro Heidegger.** Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967.

_____. **Ontologia:** Hermenéutica de la facticidad. Trad. Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. **Einübung im christentum.** Gütersloh: Mohn, 1986.

LAMELA ADÓ, Máximo Daniel. **Tonalidades afetivas em el astillero.** Porto Alegre, ediPUCRS, 2008.



LOPARIC, Zeljko. **Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MACDOWELL, João A. **A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger**. São Paulo: Loyola, 1993.

MACHADO, Jorge Antônio. **Culpa e existência**: uma retomada dos indícios formais como ferramenta metodológica de Martin Heidegger. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. Tese de Doutorado. Porto Alegre: 2003.

PEREIRA, Newton Gomes. **O ser da política e a política do ser**: confronto entre Hannah Arendt e Martin Heidegger em Ser e Tempo. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2008.

PÖGGELER, Otto. **A via do pensamento de Martin Heidegger**. Trad. Jorge Telles. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

RAMOS, Diogo. Ensaio sobre o idealismo hegeliano. **PERI - Publicação eletrônica dos alunos da Pós-Graduação em Filosofia da UFSC**. Florianópolis: v. 2, 2010.

PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

RESWEBER, Jean-Paul. **La pensée de Martin Heidegger**. Toulouse: Privat, 1973.

REIS, Jose. O tempo em Heidegger. **Revista Filosófica de Coimbra**. Coimbra: n. 28, 2005.

STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude**: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijui, 2001.

_____. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2002.

_____. **Pensar é pensar a diferença**: filosofia e conhecimento empírico. Ijuí: Unijui, 2006.

_____. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990.



_____. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011.

_____. **Compreensão e finitude**: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijui, 2001.

_____. **Seis estudos sobre ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **Seminário sobre a verdade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

SALES, Marcela Barbosa Leite. A questão da dimensão ética na analítica existencial heideggeriana. **Revista Ágora Filosófica**. Rio de Janeiro: ano 2, n. 1, 2002.

SCHNEIDER, Paulo Rudi. **O outro pensar**: sobre que significa pensar e a época da imagem do mundo de Heidegger. Ijuí: Unijui, 2005.

SEIBT, Luis Cezar. Poder-ser próprio: angústia e morte em ser e tempo de Heidegger. **Revista Philosophica**. Valparaíso: v. 35, 2009.

SOUZA, César R. F. de. Observações sobre a origem da moralidade: uma aproximação entre Heidegger e Winnicott. **Revista Winnicott e-Prints Printed Version**. São Paulo: v. 4, n. 1, 2005.

SOUZA, César R. F. de. Observações sobre a origem da moralidade: uma aproximação entre Heidegger e Winnicott. **Revista Winnicott e-Prints Printed Version**. São Paulo: v. 4, n. 1, 2005.

VANNY, Adel Fernando de Almeida. **O conceito de "significatividade" em Ser e Tempo de Martin Heidegger**. Universidade Federal de Santa Maria. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Santa Maria: 2009.

WULFF, Agnes. **Die existenziale Schuld**. Berlim: Lit Verlag, 2008.